

O Planeta Extremo e sem perdão

Por Renato Oselame¹

“In the big hard world”, este verso da canção composta por Eddie Vedder para o filme “Na Natureza Selvagem” (Paramount, 2007) sintetiza a principal ideia de Planeta Extremo, o mais novo quadro do Fantástico: levar o repórter Clayton Conservani para vivenciar experiências duras nos lugares mais inacessíveis, incríveis e perigosos da Terra. Essa canção especificamente, “Hard sun”, é empregada na trilha sonora quando Clayton chega na Antártica, como forma de caracterizar este ambiente para além das expressões e adjetivos como “inóspito”, “frio” e “com ventos de 100 km/h”, que o repórter não cansa de utilizar. A impressão que se tem sobre o lugar e a qual se quer intensificar é a de que – peço licença para utilizar uma outra citação da obra cinematográfica – “havia claramente a presença de uma força compelida a não ser gentil para com os seres humanos”.

Neste ambiente, em que se constrói a reportagem, existem duas competições que vão além e buscam superar os limites do corpo humano e que são o gancho de interesse para esta primeira aventura: uma maratona e uma corrida de 100 km na Antártica. Mas não se trata de uma simples cobertura deste evento, que é anual: a ideia aqui é a de que o repórter precisa vivenciar a experiência para retratá-la – uma espécie de “jornalismo reality show”. Naturalmente, essa exigência não permite que qualquer repórter seja o mediador para este quadro. É necessário estar preparado física e psicologicamente para enfrentar essa tarefa – a emissora não pode correr o risco de cancelar a reportagem por despreparo do repórter. Explica-se aí, parcialmente, a escolha de Clayton Conservani para o quadro: o repórter tem em seu currículo cinco meia-maratonas, duas maratonas completas e a experiência de escalar montes como o Everest, o Aconcágua e o McKinley. Desde 2009, ele também apresentava no programa Esporte Espetacular o quadro “Esporte Extremo”, que possui uma proposta bastante similar. Nele, o repórter também era levado a lugares incomuns para vivenciar experiências perigosas, mas envolvendo necessariamente esportes.

E não te como se enganar: fica claro que Planeta Extremo surge justamente dessa empreitada de Clayton no programa esportivo, agora em versão ampliada. A questão de abordar a história do local visitado, muito presente na proposta do quadro do Esporte Espetacular, também tem continuidade no Planeta Extremo. No próximo domingo, inclusive, o Planeta Extremo lidará com a queda histórica de um avião de um time de rugby na Cordilheira dos Andes.

Em sua primeira edição, contudo, esse caráter informativo em específico não foi bastante explorado. Por exemplo, não se explicam as razões de existir uma corrida em um ambiente tão inóspito como a Antártica (sequer entrevistam algum organizador do evento), não fica claro qual é o prêmio dos vencedores e a única informação histórica sobre o local é a de que em 2011 se completam 100 anos do seu descobrimento. Parece decepcionante, por exemplo, observar representantes dos sete continentes do planeta competindo sobre uma área de disputa internacional, se mencionar este detalhe simbólico. Para além disso, empregam-se recursos de computação gráfica (que lembram

¹ Renato Oselame é graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia.

bastante os recursos do programa “Sobrevivi”, do Discovery Channel) para explicar os efeitos do *frostbite* e discute-se a importância de utilizar uns óculos especiais para não queimar a retina com o reflexo do sol no gelo, quando um francês negligencia esta regra de segurança. *Spoilers* dados, você não vai descobrir muito mais sobre a Antártica nesse episódio: o resto é a corrida, tensão e drama.

Mas neste segundo âmbito, Planeta Extremo é bem construído. A trilha sonora, para além de Eddie Vedder, é bem explorada de modo a acentuar as emoções: batida rápida durante algumas cenas da corrida, sombria nos momentos problemáticos e triunfal nos momentos de vitória. O drama, amparado pelo recurso sonoro, é construído sobre alguns personagens-chave: Bernardo Fonseca (um competidor brasileiro), Rhoda Jones (uma americana que quer ser exemplo para as vítimas do Furacão Katrina), Glenn Grossman (que compete em homenagem ao filho falecido por overdose) e, é claro, o próprio Clayton Conservani, que durante a prova diz se lembrar do tempo que passou longe da filha e encontrar nela as forças para seguir em frente. Piegas, talvez, sobretudo pela utilização de imagens de arquivo de Clayton com sua filha. Mas pelas condições extremas, torna-se um relato emocionado e cativante.

Todos os personagens são entrevistados no dia anterior à maratona, quando têm suas motivações reveladas: parece-me que todos os quarenta competidores têm uma razão especial para estar ali, de modo que cada chegada ao fim da corrida é uma vitória. De fato, Clayton se recusa a empregar o termo “última posição” quando Rhoda Jones está na lanterninha da corrida, ele opta por usar: “atrás do penúltimo colocado”. Para filmá-los durante a corrida, um cinegrafista os acompanha em um veículo adaptado para a neve – por isso a importância de selecionar os personagens antes da corrida.

Para garantir o entretenimento dos espectadores, o quadro opta por construir o maniqueísmo vilão-heróis (clássica da dramaturgia que a Rede Globo faz tão bem), de forma que nem todos os competidores lutam por um ideal. O vilão aqui é claramente Steve Hibbs, atleta dos Estados Unidos, que nunca é entrevistado e é tido como implicante e não-cordial desde a sua primeira aparição. Se ele possui algum motivo especial para enfrentar a Antártica (como todos os outros, aparentemente), isso não é revelado. Constrói-se um personagem superficial, que só está interessado em ganhar a corrida. O favoritismo de Steve para a competição não se confirma: ele não vence a prova e chega sentindo dores. Está de quatro sobre o gelo e pede para não ser filmado: a câmera obedece, mas Steve não deixou de ser exibido em rede nacional no último domingo, sete meses após ser gravado nestas condições. A cena, meio cruel, tem direito até a risadas no fundo – o planeta extremo não parece ter perdão.

O ganhador da maratona é o brasileiro Bernardo Fonseca, que corre como forma de homenagear a esposa e recompensar o tempo perdido de treinamento longe dela. O repórter Clayton Conservani, que treinou durante quatro meses (incluindo sessões em uma câmara frigorífica) para a prova, conquista o sétimo lugar. Ele não participa da segunda etapa, então se inicia aqui uma torcida pelo Brasil na corrida dos 100 km, na qual Clayton auxilia e torce por Bernardo nos “pit-stops”. Passa, então, a valer uma estratégia da Rede Globo (e de outras emissoras) para as competições esportivas internacionais: lutar e torcer pela vitória e pelo reconhecimento da Nação. Clayton Conservani chega a ajudar outro competidor, francês, mas se justifica dizendo que não há como não ser solidário nestas condições extremas. Mas, pelo bem do Brasil e do entretenimento da nação, Bernardo vence mais uma vez.

Apesar de tudo, não se pode negar que o quadro é bem feito, ele prende muito bem a atenção. A edição rápida, os perigos, o sofrimento do repórter que fala para a sua filha através da câmera, tudo é comovente ou instigante. A concepção da Antártica como um lugar inóspito também é digna de interesse: optaram por filmar, de diferentes lugares, o ambiente desértico sendo assolado pelo sol e pelos ventos fortes e barulhentos. Nem mesmo o repórter sai ileso: sofre com um hematoma no dedo do pé, que pode ser um congelamento. Entretanto, nem nos momentos mais difíceis em que fala sobre a filha, Clayton ignora a beleza da Antártica. O resultado disso tudo é um lugar que, apesar dos perigos, também pode ser “maravilhoso”.

A logomarca do programa, seguindo o exemplo do quadro “Esporte Extremo”, é inserida em tomadas registradas neste ambiente e, portanto, deverá se renovar e ser sobreposta a outros locais nas próximas edições. Aproveito este símbolo (que marca a presença do Planeta Extremo em lugares do mundo concreto, fora dos estúdios da Rede Globo) para discutir a hibridização entre jornalismo e reality show que o quadro propõe. Essa estratégia pode ser evidenciada desde o início do quadro, quando o narrador interpela o espectador com pequenas informações sobre o que virá a seguir, tudo no presente, como se os fatos fossem se desvelar agora, na tela da TV. A estratégia do repórter de compartilhar com o espectador as suas experiências pessoais nos ambientes extremos, que são um dos ganchos para a construção das narrativas do programa, também pressupõem essa confluência entre os gêneros.

A fórmula não é nova: já foi empregada em outros programas da emissora, como é o caso de “Profissão Repórter”, e em outros canais também (vide “A Liga” da Rede Bandeirantes). A junção de elementos que caracterizam ambos os gêneros parece dar certo: apesar da queda nos índices de audiência no fim do ano passado, “Profissão Repórter” bateu o seu recorde do ano no dia 21 de junho: 18,6 pontos no IBOPE. E, aparentemente, Planeta Extremo pretende seguir os passos desse programa, que também teve início como um quadro no Fantástico. Será que esse outro formato vai vingar? O reality show no jornalismo chegou para ficar?

Por fim, é importante ressaltar o investimento financeiro da Rede Globo neste novo quadro. O quadro possui uma equipe pequena e não exige muitos equipamentos de filmagem, mas demanda tempo e, conseqüentemente, dinheiro. O próprio Clayton, em entrevista à Época, descreve a equipe de sete pessoas: dois diretores de fotografia, um operador, um produtor executivo, um editor de texto, um repórter e um editor. Os gastos altos ficam por conta das viagens, para lugares de difícil acesso. [Segundo o site da competição](#) na Antártica a inscrição, por exemplo, custa 9,900 euros por pessoa. Apesar disso, o quadro já nasce com uma segunda temporada garantida. E, ao assistir a Planeta Extremo, é fácil entender o porquê: é difícil não se interessar pela proposta de ser levado para vivenciar experiências arriscadas em lugares únicos.

Planeta Extremo segue no Fantástico pelos próximos três domingos, em três outras “aventuras”: a visita aos destroços da aeronave na Cordilheira dos Andes, a viagem pela Noruega em busca da Aurora Boreal e um mergulho nas cavernas mais perigosas do mundo nas Bahamas.